



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Departamento de Turismo

Bruna Cristina de Oliveira Rocha

Reflexões sobre o Turismo Pedagógico: Aplicação no Instituto

Marcos Freitas

Teresópolis

2015

Bruna Cristina de Oliveira Rocha

Reflexões sobre o Turismo Pedagógico: Aplicação no Instituto Marcos Freitas



Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Turismo Pedagógico.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcela do Nascimento Padilha

Teresópolis

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CTC-T

R672 Rocha, Bruna Cristina de Oliveira.
Reflexões sobre o turismo pedagógico: aplicação no Instituto Marcos Freitas / Bruna Cristina de Oliveira Rocha. – 2015.
55 f.: il., mapas

Orientadora: Marcela do Nascimento Padilha.

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

1. Turismo – Aspectos educacionais. 2. Educação – Brasil. 3. Instituto Marcos Freitas – Entrevistas. 4. Instituto Marcos Freitas – Estudo de casos. 5. Didática (Segundo grau) – Rio de Janeiro. 6. Aprendizagem por atividades. I. Título. II. Padilha, Marcela do Nascimento. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Turismo.

CDU 378(81):379.85

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bruna Cristina de Oliveira Rocha

Reflexões sobre o Turismo Pedagógico: Aplicação no Instituto Marcos Freitas

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Turismo Pedagógico.

Aprovada em _____ de _____ de 2015.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marcela do Nascimento Padilha (Orientadora)

IGEOG – Departamento de Turismo – UERJ

Prof. Dr. Rafael Ângelo Fortunato

Faculdade de Ciências - UERJ

Prof.^a Araci Alves Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Teresópolis

2015

Bruna Cristina de Oliveira Rocha

Reflexões sobre o Turismo Pedagógico: Aplicação no Instituto Marcos Freitas

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Turismo Pedagógico.

Aprovada em _____ de _____ de 2015.

Orientadora:

Prof.^a Dra. Marcela do Nascimento Padilha
IGEOG – Departamento de Turismo – UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Ângelo Fortunato
Faculdade de Ciências – UERJ

Prof.^a Araci Alves Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Teresópolis

2015

DEDICATÓRIA

A Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais, por serem o meu porto seguro e maiores incentivadores nesta
jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo fôlego de vida e sustento de cada dia.

Aos meus pais, Roberto e Cristina, pelo apoio de sempre e por acreditarem no meu potencial, incentivando-me pela busca do conhecimento e concretização de mais este sonho.

À Prof. Dr. Marcela do Nascimento Padilha, por me orientar nos momentos de aflição e ter muita paciência e sabedoria neste processo de desenvolvimento da monografia.

Aos demais professores do curso de turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo enriquecimento pessoal e acadêmico durante estes anos.

Ao meu filho Miguel, que mesmo ainda em meu ventre foi motivo de inspiração e motivação para que eu pudesse reunir forças na execução deste trabalho.

Aos professores, alunos e demais envolvidos em minhas pesquisas, em especial aos do colégio Instituto Marcos Freitas pela ajuda no recolhimento de materiais para embasar as teorias citadas no decorrer da monografia.

Aos que não foram citados em nome, mas de forma direta ou indireta contribuíram com palavras de carinho e afeto para que hoje este trabalho esteja finalizado com êxito.

O preferível não é o desejo de acreditar, mas o desejo de descobrir, que é exatamente o oposto.

Bertrand Russell

RESUMO

ROCHA, Bruna Cristina de Oliveira. *Reflexões sobre o Turismo Pedagógico: aplicação no Instituto Marcos Freitas*. 2015. 55 f. Monografia (Bacharel em Turismo) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2015.

O presente trabalho aborda questões sobre o Turismo Pedagógico, que além de ser uma atividade que estreita os laços entre ensino-aprendizagem, pode considerar-se uma fonte de enriquecimento cultural, individual e coletivo, permitindo que o aluno tenha o contato real com o conteúdo teórico trabalhado em sala de aula. Para comprovar estas afirmações, foi analisado um roteiro turístico-pedagógico elaborado pelos professores das disciplinas de geografia e biologia, com alunos do ensino médio, do colégio Instituto Marcos Freitas (IMF). O roteiro foi realizado na região serrana do Rio de Janeiro, no município de Teresópolis. Após a realização deste, foram feitas entrevistas com os docentes e discentes da instituição, para entender e confirmar que através do Turismo Pedagógico pode haver o desenvolvimento pessoal, bem como a valorização do conhecimento e conscientização da sua importância, quando a proposta pedagógica é ampla e diversificada.

Palavras-chave: Turismo. Educação. Turismo Pedagógico. IMF.

ABSTRACT

ROCHA, Bruna Cristina de Oliveira. *Reflections about the Pedagogical Tourism: application in Instituto Marcos Freitas*. 2015. 55 f. Monografia (Bacharel em Turismo) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2015.

This project addresses issues about the Pedagogical Tourism, which besides being an activity that makes teaching and learning closer subjects, can also be considered as a source of cultural, individual and collective enrichment, allowing the student to have the real contact with the theoretical contents worked in the classroom. In order to prove these statements, a pedagogical-tourist script, prepared by the teachers of geography and biology courses with high school students from the school Instituto Marcos Freitas (IMF), was analyzed. The script was held in the mountain region of Rio de Janeiro, in the city of Teresópolis. After achieving this, interviews with teachers and students of the institution were conducted, so that it could be understood and confirmed that by the Pedagogical Tourism the personal development, the promotion of knowledge and the awareness of its importance may well exist when the pedagogical proposal is broad and diversified.

Keywords: Tourism. Education. Pedagogical Tourism. IMF.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Teóricas

AMAN Academia Militar das Agulhas Negras

IMF Instituto Marcos Freitas

OMT Organização Mundial do Turismo

RJ Rio de Janeiro

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: IDEIA SOBRE TURISMO, EDUCAÇÃO E TURISMO PEDAGÓGICO.....	2
1.1 O Turismo.....	3
1.2 O Turismo e a educação.....	4
1.3 Turismo Pedagógico.....	7
2 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: ENTRAVES E MOTIVAÇÕES.....	12
2.1 O Desenvolvimento da educação no Brasil.....	12
2.2 Meios utilizados para despertar o interesse dos estudantes.....	17
2.3 O uso da tecnologia na educação.....	18
3 SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLHIDA: INSTITUTO MARCOS FREITAS.....	21
4 OPERACIONALIZAÇÃO DO ROTEIRO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	26
4.1 Roteiro “biogeografia”.....	26
4.2 Professores e equipe pedagógica.....	28
4.3 Alunos.....	31
4.4 Comparação de olhares e resultados obtidos.....	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Nota-se, através de diversos dados oficiais, que a educação do nosso país precisa de meios eficazes e inovadores para se desenvolver. A qualidade de ensino é um desafio que precisa ser superado, pois ainda há um atraso significativo no sistema atual.

Em geral, os modelos vigentes de educação são baseados em técnicas tradicionais de ensino que utilizam material didático convencional e avaliações que exigem dos alunos a memorização do conteúdo aprendido, sem instigar a formação da reflexão crítica.

O desafio que é imposto à educação brasileira está ligado ao compromisso com a qualidade do ensino, por meio de ações competentes e criativas, as quais podem permitir mudanças significativas no processo de formação dos alunos.

Contudo, para que haja um resultado efetivo, devem ser criadas estratégias pedagógicas com o intuito de vivenciar a teoria na prática, interligando os saberes escolares com os saberes cotidianos e, por conseguinte, estimulando as percepções e sensações dos sujeitos envolvidos nesse processo de ampliação do conhecimento.

Cascino (2000, p. 200) salienta algumas questões importantes

O caminho formal de instrução deve passar exclusivamente pela sala de aula e de lá devem emanar os pressupostos para a vida dos jovens? Será o espaço escolar o único a prover as comunidades de uma efetiva estrutura educacional?

Marinho & Gaspari (2003, p. 37) complementam:

A formação dos alunos não deve mais estar atrelada à concepção de uma educação que se viabiliza apenas nos espaços formais da instituição, devendo ser complementada por ações educativas que priorizem uma ampliação de horizontes para além dos seus muros, utilizando ambientes informais de forma complementar, estimulando também os aspectos afetivos e emocionais e não apenas os cognitivos do ser envolvido na aprendizagem.

O estudo do meio é uma atividade que permite aos alunos estabelecerem relações ativas e interpretativas relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas localizadas em contextos vivos e dinâmicos da realidade.

Percebe-se, assim, que, por meio de passeios, o turismo pode ser uma atividade que auxilia o ensino. Segundo Barreto (1998), ele pode ensinar aos alunos a se comportar em lugares de uso coletivo e difundir o respeito ao patrimônio de uso comum; bem como pode oferecer educação específica em História, Geografia, preservação do meio ambiente, tornando-se um aliado à educação formal.

Dessa forma, percebe-se uma importante união do turismo com a pedagogia, gerando, assim, o turismo pedagógico e uma nova forma de ampliação de olhares.

A proposta de aula presente no turismo pedagógico apresenta-se como uma atividade facilitadora no processo do aprendizado, pois visa a romper com a monotonia dos modelos e práticas pedagógicas atuais, funcionando como um integrador do indivíduo com a realidade original dos fatos.

Segundo Paulo Freire (1967), “a educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”. Mas, para que o turismo seja incluído na educação como ferramenta de apoio ao ensino, deve ser pensado de forma a integrar e conscientizar todos os envolvidos da comunidade escolar.

No presente trabalho é abordada a trajetória do turismo, sua relação com a educação, ideias sobre o turismo pedagógico, bem como relatos da educação e suas transformações no Brasil. Para embasar as teorias que abordam o turismo pedagógico, foi escolhida a unidade de Duque de Caxias do Instituto Marcos Freitas para servir como estudo de caso. Esta possui práticas do turismo pedagógico em todos os segmentos, sendo mais acentuadas no Ensino Médio. Buscou-se apresentar uma diversidade de olhares sobre o tema por meio de autores variados, facilitando a compreensão sobre as reflexões que envolvem o âmbito do turismo pedagógico. Além disso, há relatos de alunos e professores abordando este assunto, para que possamos fazer uma comparação e observação de como este método é utilizado e, principalmente, se a sua eficácia no desenvolvimento da educação é comprovada pelos principais envolvidos e interessados.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O TURISMO, A EDUCAÇÃO E O TURISMO PEDAGÓGICO

1.1 O Turismo

Alguns autores destacam a existência de linhas de pensamentos, nas quais a História do Turismo se divide. Seriam elas o ócio, o descanso, a cultura, a saúde, os negócios ou as relações familiares. Estes deslocamentos se distinguem por sua finalidade dos outros tipos de viagens motivados por guerras, movimentos migratórios, conquista, comércio, etc.

Na História da Grécia Antiga, dava-se grande importância ao tempo livre, os quais eram dedicados à cultura, diversão, religião e esporte. Os deslocamentos mais destacados eram os que se realizavam com a finalidade de assistir às Olimpíadas (que ocorriam a cada 4 anos na cidade de Olímpia).

Durante a Idade Média ocorreu, num primeiro momento, um retrocesso devido ao maior número de conflitos e à recessão econômica, oriundos da queda do Império Romano. É durante o período medieval que se estabelece a complexa fusão de valores culturais romanos e germânicos. Entretanto surge, nesta época, um novo tipo de viagem: as peregrinações religiosas. Embora já tenha existido na época antiga, tanto o Cristianismo como o Islã estenderam as viagens a um maior número de peregrinos e os deslocamentos ficaram ainda maiores.

No final do século XVI surge o costume de mandar os jovens aristocratas ingleses para fazerem um *Grand Tour* ao final de seus estudos, com a finalidade de complementar sua formação e adquirir experiências. Tratava-se de uma viagem de larga duração (entre 3 e 5 anos) que se fazia por distintos países europeus, e desta atividade nascem as palavras: turismo, turista, etc.

A concepção do *Grand Tour* é semelhante à segmentação do turismo pedagógico, o qual busca, por meio de visitas técnicas e saídas de campo, a contextualização do conteúdo teórico de determinada disciplina.

Em 1840, Thomas Cook, considerado o pai do Turismo Moderno, promove a primeira viagem organizada da história. A mesma foi considerada um fracasso comercial. No entanto, reconhece-se a sua importância no que tange à organização

de pacotes turísticos, e às possibilidades de negócios que tal atividade imprimia. E assim, em 1851, criou a Agência de Viagens *Thomas Cook and son*.

As “aventuras de Cook” ocorreram em um momento de profundas mudanças econômicas e sociais na Europa, com os trabalhadores migrando das áreas rurais de agricultura básica para as áreas urbanas, onde se localizavam as fábricas.

Mais tarde, no período entre as duas guerras, com o desenvolvimento dos transportes terrestres e, posteriormente, aéreo, ampliou-se consideravelmente a locomoção doméstica e, também, as viagens internacionais.

Mesmo antes do marco inicial do turismo, as pessoas tinham a necessidade de se locomover de um lugar a outro, com objetivos distintos dos atuais.

Segundo a OMT (1998, p. 18)

O turismo é um conjunto de atividades de pessoas que viajam e/ou que recebem em locais fora do seu habitat natural, por um período não superior a um ano, por motivos de lazer, negócios ou outros.

Partindo desta definição, é possível compreender um aspecto importante que diz respeito à contemplação dos possíveis elementos motivadores do turismo: o lazer, os negócios ou outros.

Através dessa questão, Beni (1998) afirma que o motivo da viagem é o principal meio disponível para a segmentação do mercado, ou seja, a técnica estatística que permite decompor a população em grupos homogêneos. Quanto mais as pessoas resolvem fazer viagens para fins distintos, mais o mercado resolve segmentar o turismo para que haja maior facilidade pela busca do produto pelo consumidor.

Portanto, o turismo pode apresentar um número indefinido de vertentes, dependendo das motivações do viajante ao empreender a viagem.

1.2. O Turismo e a educação

O turismo e a educação são duas áreas distintas, contudo apresentam semelhanças como a interdisciplinaridade que permeia cada um desses campos; a correlação espaço/cultura/educação presente nas manifestações e nos fluxos

turísticos e o fato de a prática turística constituir processo essencialmente educativo, de aprendizagem constante, englobando diversas áreas do conhecimento. (AZEVEDO, 1997).

A relação entre turismo e educação tem sido cada vez mais abordada na literatura. Pode-se tratar da educação para o turismo e do turismo como atividade educativa.

De acordo com Rebelo (1998), existe uma preocupação sobre educação para o turismo, como uma das importantes alternativas de prevenção e superação dos impactos da atividade.

Tal preocupação dirige-se aos extratos da população que estão envolvidos na atividade e que precisam ser educados, tais como os turistas, à comunidade receptora, trade turístico e governantes, estudantes, professores, profissionais diversos; sistema educativo turístico e aspectos da educação turística, como a educação ambiental.

A mesma autora afirma também que

Numa visão macro educacional, o turismo se impõe como atividade educativa por ser uma força social emergente, objetivo de teorias do conhecimento, ambiente para manifestação de teorias de aprendizagem, tema real na vida de muitas comunidades escolares, portanto de necessidade e de interesse local para estudo. (REBELO, 1998, p. 93).

Molina & Rodriguez (2001), no livro: *Planejamento Integral do Turismo – um enfoque para América Latina*, evidenciam que as explicações de ordem econômica sempre foram marcantes na teoria do turismo, porém estas não dão mais conta da complexidade do fenômeno e, por isso, as conceituações de ordem cultural são as mais abrangentes e completas.

[...] o turismo atual deve ser considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. Por isso, as explicações de caráter econômico que são utilizadas para compreender a transcendência do turismo são, evidentemente, insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e tampouco consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p.9).

Com base nessa afirmação, é importante destacar que, neste trabalho entende-se o turismo como um produto da cultura, ou seja, a complexidade de seu entendimento é baseada no enfoque cultural e não apenas em explicações de

caráter econômico, como ocorreu ao longo da evolução teórica do turismo, já que estas definições são altamente reducionistas.

Apesar de ser uma modalidade relativamente nova no nosso sistema educacional brasileiro, algumas escolas já aderem ao método do turismo pedagógico para transmitir conhecimento. A viagem passa a ser uma ferramenta cada vez mais utilizada e necessária à concretização dos seus propósitos educacionais e pedagógicos. No entanto, tal atividade está praticamente restrita às escolas privadas e organizadas por agências que cobram um preço alto por tal serviço.

Abordar o turismo sob a ótica cultural é tarefa que vai além da preocupação em se efetivar o seu entendimento, mas também de dialogar com outras áreas tradicionais do conhecimento, como a História, Geografia, Artes, Ciências, Biologia e outras, ampliando a percepção de mundo dos estudantes e oferecendo novos conhecimentos a serem agregados a sua formação básica.

Estabelece-se, dessa forma, a relação entre educação e turismo, cabendo a este ser um possível indutor e promotor de transformação no modelo educacional tradicional, que coloca o aluno na condição de espectador e reproduzidor dos saberes do professor e do livro.

Para Rebelo (1998, p. 97):

[...] se a educação é a busca da perfeição, como indica Paulo Freire (1994), tem de acontecer num ambiente de vida, de ânimo, de contextualização histórica, de prazer, de felicidade. Revitalizar a educação local pelo motivo do turismo significa revisar a sua qualidade.

Contudo, para uma nova concepção, é fundamental que o professor efetivamente propicie situações nas quais o aluno seja desafiado a buscar novas formas de interagir, através de atividades que irão proporcionar autoconfiança e autoestima. Defende-se, aqui, o ponto de vista de serem esses os pontos de partida para qualquer aprendizagem.

De acordo com Spínola da Hora e Cavalcanti (2003, p. 223),

Não seria estranho conceber uma modalidade cuja principal característica fosse não apenas a satisfação da curiosidade por novos lugares e culturas, mas também o ensino formal propriamente dito.

Para estes autores, a capacidade que o turismo tem de promover o desenvolvimento humano, social e educacional incentiva o seu uso como atividade que serve ao ensino.

Ansarah (2002, p.23) afirma que:

A educação em turismo deve estar direcionada para uma reflexão multidisciplinar e para o trabalho em equipe, contemplando contextos multiculturais em que a criatividade combine o saber tradicional ou local e o conhecimento aplicado da ciência avançada e da tecnologia.

Com isso, devido a esse caráter multidisciplinar, acredita-se que a relação entre educação e turismo pode ser desenvolvida de maneira a abordar assuntos como cidadania, alteridade, sociabilidade, cultura, educação ambiental e patrimonial; que destacamos como relevantes para a formação dos estudantes e que, muitas vezes, devido ao tempo limitado e à necessidade de cumprir os conteúdos programáticos das disciplinas tradicionais, esses temas são pouco destacados. Portanto, o turismo pode se tornar um aliado para inserir no contexto do aluno essas discussões e temas pertinentes a sua realidade. Além disso, pode contribuir para alcançar a compreensão do conteúdo lecionado e, como consequência, a efetivação do que se denomina Turismo Pedagógico.

1.3. Turismo Pedagógico

O termo turismo pedagógico ainda não é muito conhecido nem trabalhado nas escolas do Brasil. No exterior, o fato de levar ao aluno uma oportunidade de aprendizagem para o âmbito externo da escola é muito comum e torna-se algo produtivo, tanto para os alunos, quanto para os professores.

Partindo do princípio de Freire (1996), percebe-se que o educador precisa “saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (p.47). Busca-se, portanto, criar meios que facilitem a obtenção de conhecimento com qualidade, tendo como principal objetivo proporcionar ao aluno a assimilação do conteúdo por meio do contato com a realidade, vivenciando-o na prática, e aos professores mais uma opção motivadora para desenvolver seus conteúdos e planos de aula.

Assim, surge a junção do turismo com a pedagogia. No que tange ao início do turismo pedagógico, trata-se de uma nova forma de ampliação de olhares, não só dos alunos, como dos educadores. Muitas escolas costumam utilizar o termo “aulas-passeio”, que a princípio seria o mesmo que o turismo pedagógico, mas possui diferenças básicas e essenciais em seu modo de execução.

As chamadas aulas-passeio ocorrem com o objetivo maior de tirar os alunos do contexto da escola, proporcionando o conhecimento de lugares interessantes, visando ao lazer e entretenimento dos estudantes. Já o turismo pedagógico tem o intuito de fazer a ligação entre o que é aprendido em sala e a realidade.

As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; os impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará formas nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios e nos terrenos, enfim, são inúmeras as possibilidades do turismo pedagógico. (HORA E CAVALCANTI, 2003, p. 225).

Ambos possuem extrema importância no processo de desenvolvimento do sujeito.

As aulas-passeio, por sua vez, provocam o bem-estar necessário, para alunos e professores. Estes veem sua profissão sendo cada vez mais desvalorizada em nosso país, e visam através destas aulas a uma fuga do ambiente escolar, e, portanto, não precisam ter, necessariamente, conexão com o conteúdo lecionado.

Vale destacar que no processo do turismo pedagógico, também são desenvolvidas ações compreendidas como de lazer. O processo de aprendizagem, quando realizado fora do contexto da escola, pode proporcionar uma sensação de liberdade para os envolvidos, gerando indiretamente o lazer, como forma de descanso para a mente, e diretamente o desenvolvimento do conhecimento para o aluno. Portanto, existe a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo, justificando, assim a utilização do turismo enquanto atividade de lazer que serve ao ensino.

Trata-se de uma conversão do olhar do residente para um olhar de “turista”, no sentido do deleite e da valorização do local, e de posterior reconversão que crie limites entre o fantástico e o real, possibilitando uma postura dialética diante do contexto e do ambiente visitado. (HORA E CAVALCANTI, 2003, p. 208).

Com tal procedimento, a aula ganha vida, pois a experiência da vivência em outro espaço proporciona uma interação com o local, de forma a possibilitar o conhecimento dinâmico e o respeito pelos ambientes diversos, desprovido de alienações e fantasias.

A necessidade de viagens como instrumento capaz de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, encontra respaldo em algumas correntes pedagógicas, principalmente as que sofrem influências dos princípios de Celestin Freinet. Este trata dos fundamentos da educação, numa perspectiva de ampliação dos olhares das crianças para fora do espaço escolar, utilizando-se das técnicas de aulas das descobertas, onde o aluno é considerado o centro da construção de seu conhecimento. Sendo assim, seus fundamentos valorizam a promoção humana, a liberdade de escolha, a alegria de viver e a possibilidade de sonhar (FREINET, 2004).

Além das aulas se tornarem mais dinâmicas e menos entediantes, as relações sociais entre professores e alunos ficam cada vez mais intensas e menos formais, uma vez que quebra o paradigma existente na sala de aula, onde o professor fala e o aluno somente escuta.

Fora do espaço físico da escola, e numa perspectiva interdisciplinar dos conteúdos (desde que sejam constantes), os alunos viverão os acontecimentos de forma propositiva, envolvendo-se nas soluções de problemas e tecendo questionamentos. (BONFIM, 2010, p.125)

Julga-se necessário que o aluno conheça, mesmo que não seja tudo, boa parte daquilo que é visto em sala de aula.

Através de questionários aplicados a alunos de diferentes instituições percebeu-se um desenvolvimento maior na aprendizagem, após práticas de incentivo ao turismo pedagógico. Estes puderam entender melhor aquilo que antes parecia um bicho de sete cabeças, ou algo muito assustador e fora da realidade.

Estes questionários foram aplicados no final do ano de 2014, com alunos na faixa etária entre 16 e 19 anos, todos de escolas particulares e cursando o ensino médio.

Os mesmos receberam uma folha contendo alguns dados para serem preenchidos e perguntas, que poderiam ser respondidas separadas ou em forma de

texto corrido. Foram entrevistados alguns participantes, pela própria autora deste trabalho, a fim de entender melhor o que estes sabem sobre o turismo pedagógico e como foi o contato que tiveram com esta atividade.

Contudo, mesmo com a diferença de relações entre os passeios executados por eles, percebe-se a importância que as atividades fora da escola trouxeram para cada um, de forma particular.

Utilizou-se o seguinte roteiro de perguntas feitas aos alunos em questão:

- Nome;
- Idade;
- Se a escola no qual o mesmo estuda costuma realizar trabalhos fora da escola;
- Se sim, se estes estão interligados com o conteúdo visto em sala de aula;
- Se o participante entende o que é o turismo pedagógico, podendo dissertar um pouco sobre o assunto;
- Se percebeu um entendimento maior do assunto abordado após a realização do trabalho de campo;
- Acredita que o turismo pedagógico pode incentivar no desenvolvimento da educação.

Através dos resultados e respostas dos questionários, fez-se necessário apresentar ao menos três para exemplificação da percepção do turismo pedagógico. Seguem abaixo as informações obtidas:

Nome: Camila Rocha

Idade: 16 anos

“Hoje estou no meu segundo ano do ensino médio e tive dois trabalhos de campo que estiveram ligados com o que foi trabalhado em sala de aula. Um foi pela disciplina de História e outro na de Geografia.

Foi muito descontraído e achei o método de utilizar o turismo para nos estimular bem eficaz. Até mesmos os alunos que não são muito estudiosos e interessados em aprender, puderam entender perfeitamente o objetivo do método utilizado pelos nossos professores.

Já ouvi falar do turismo pedagógico e hoje percebo a diferença deste para outros métodos semelhantes. No meu primeiro ano, por exemplo, não tive passeios relacionados com conteúdo programático, mas alguns utilizados como forma de termos um momento de lazer e divertimento fora da escola. Foram para sítios, lugares até muito bonitos, mas nada que proporcionasse conhecimento sobre algum assunto determinado e relacionado com a grade”.

Nome: Patrícia Tavares

Idade: 17 anos

“Sou estudante do primeiro ano do ensino médio, e estou fazendo pela segunda vez. Ano passado, estudei em uma escola onde não eram realizados trabalhos de campo, e muito mal passeios para lazer.

Ao mudar de escola, este ano pude perceber uma diferença enorme em diversos aspectos, principalmente na forma de propagar o conteúdo que estudamos em sala. Sempre achei importante termos um contato maior com a realidade, e hoje comprovo que realmente faz a diferença.

O fato de sairmos da escola, não só para andar, ver coisas legais e bonitas, mas pra aprender sobre estas, ligando alguma matéria, torna o ensino mais prazeroso.

Por isso acredito que o turismo pode “revolucionar” o processo educativo, se for bem trabalhado pelos professores. Até porque não adianta nada ter os trabalhos de campo à nossa disposição, e não conseguirmos entender nada pela forma que os professores passam as informações.

Nome: Harrison Valadares

Idade: 18 anos

“Pude ter um contato maior com o turismo no decorrer do meu ensino médio. Hoje estou no último ano, e a presença de visitas técnicas foi constante. Os professores da escola em que estudo costumam realizar vários trabalhos de campo ao longo do ano, sendo estes ligados ao que vemos em sala de aula.

É muito importante que estas aulas sejam realizadas, até porque alguns recursos não são mais tão atraentes para nós alunos. Só o fato de sairmos da escola, já nos deixa mais à vontade, e quando percebemos que após os trabalhos de campo, aquela teoria toda fica mais clara, dá até um alívio e sentimento de orgulho por estarmos entendendo o que nos foi passado”.

As três entrevistas escolhidas foram de estudantes de cada um dos três anos do ensino médio (1º, 2º e 3º ano). Tal escolha foi feita a fim de observar olhares e percepções diferentes de acordo com o contato mais recente ou mais prolongado com o turismo pedagógico na escola. Os três notaram a importância dessa atividade como apoio ao processo educativo.

Nota-se que existe na escola pesquisada um processo de desenvolvimento do turismo pedagógico de acordo com os anos do ensino médio. A atividade se desenvolve conforme os anos vão passando. No primeiro ano há a aplicação de algumas aulas, e no último ano essa prática passa a ser mais intensa.

Todos os entrevistados perceberam a importância da utilização do turismo pedagógico para o ensino, o que nos faz entender que quanto mais esta atividade for apresentada e executada com os alunos, maior será a chance da curiosidade ser aguçada, buscando aprimorar a busca pelo conhecimento.

É importante evidenciar que para o turismo pedagógico alcançar os objetivos traçados pela escola, torna-se necessário apresentar aos alunos um sentido significativo às aulas extraclasse, estendendo-as como uma perspectiva ampla de compreensão da realidade, através de referências reais e palpáveis.

Precisa-se planejar muito bem a atividade, para que esta não perca seu caráter prioritariamente educativo, pois não se tratando de uma simples excursão, busca-se a organização de situações de aprendizagem que ultrapassem os limites do saber escolar, se fortalecendo na medida em que ganha a amplitude da vida social, tornando o conhecimento pertinente e contextualizado.

Atualmente, ainda existem muitas escolas de diferentes graus de ensino, que baseiam suas propostas pedagógicas em materiais escolares que se intitulam como facilitadores da aprendizagem. No entanto, distanciam os alunos da realidade e causam neles, um sentimento de frustração por não conseguirem ver sentido no que lhes é ensinado.

2. PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: ENTRAVES E MOTIVAÇÕES

2.1. Educação e suas transformações

O termo educação sempre esteve relacionado com mudança. Segundo Xavier et. al. (1994, p. 123), a produção do conhecimento vai sendo exigida numa velocidade cada vez mais intensa e tal produção precisa ser registrada por escrito e difundida.

No início do século XX, as principais características da escola eram: a escola atendia apenas a quem não trabalhava; difundia conhecimento e, pouco a pouco ou quase nada de conhecimento sistematizado; firmava e produzia valores aceitos e defendidos pela maioria dominante pelo conteúdo e método desenvolvido. Com essas características, a escola passa a ser criticada por lideranças socialistas, influenciadas pela luta dos trabalhadores europeus e pelas lutas sociais do período imperial.

Vale lembrar que esta era a primeira vez na história brasileira que a educação aparecia como tarefa na formação política do trabalhador na busca de uma sociedade nova.

Segundo Aloni (2006, p.37)

A educação humanista designa diversas teorias e práticas, cujo princípio fundamental refere-se a uma proposta de aprimoramento do bem-estar e da dignidade, como antecedentes de todo o pensamento e ação humana acima dos ideais e dos valores religiosos, ideológicos e nacionais. Tem o compromisso de ajudar a todos os indivíduos na realização e no aperfeiçoamento de suas potencialidades.

Nesse período o país passa por diversas transformações em várias esferas da sociedade. No que tange à educação, foram realizadas reformas de abrangência estadual (Ex: de Lourenço Filho no Ceará, em 1923; de Anísio Teixeira na Bahia, em 1925; de Francisco Campos e Mario Casassanta em Minas Gerais, em 1927; de Fernando de Azevedo no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro), em 1928; de Carneiro Leão em Pernambuco, em 1928).

A Revolução de 1930 foi o marco referencial para a entrada do Brasil no modelo capitalista de produção. A nova realidade brasileira passou a dirigir uma mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na educação.

Nesse sentido, em 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário.

Pode-se afirmar que no Brasil, a educação começa a ser pensada como sistema que visa a oportunizar o seu acesso à toda população em geral, a partir do século XX. E essa modalidade de estruturação da educação é forçada pela entrada do Brasil na Revolução Industrial, que fez surgir a necessidade dos operários saberem ler, escrever e contar para seguir às orientações dos manuais e para operar as máquinas.

A UNESCO aponta que o problema da educação no Brasil está relacionado com a má qualidade do ensino. Nenhum dos seis objetivos estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) será cumprido globalmente até 2015, segundo o *Relatório de Monitoramento Global Educação para Todos 2013/2014*.

Os objetivos estabelecidos foram:

- Objetivo 1: Apesar de ter havido melhoras, um número muito grande de crianças não tem acesso à educação e a cuidados básicos na primeira infância. Em 2012, 25% das crianças menores de 5 anos apresentaram nanismo. Em 2011, por volta de metade das crianças pequenas tiveram acesso à educação pré-primária, sendo que, na África Subsaariana, essa proporção foi de apenas 18%.
- Objetivo 2: É provável que não se alcance a educação primária universal, por uma grande margem. O número de crianças fora da escola, em 2011, foi de 57 milhões, metade das quais viviam em países afetados por conflitos. Na África Subsaariana, apenas 23% das meninas pobres das áreas rurais completaram a educação primária até o final da década. Se persistirem as tendências recentes da região, os meninos mais ricos alcançarão a educação primária universal completa em 2021, enquanto as meninas mais pobres somente o conseguirão em 2086.

- Objetivo 3: Muitos adolescentes não possuem as habilidades básicas adquiríveis no primeiro nível do ensino secundário. Em 2011, 69 milhões de adolescentes estavam fora da escola, tendo havido pouca melhora em relação a 2004. Em países de baixa renda, apenas 37% dos adolescentes completam o primeiro nível do ensino secundário, e esse número chega a 14% nos países mais pobres. Se essas tendências persistirem, meninas das famílias mais pobres na África Subsaariana somente conseguirão completar o primeiro nível do ensino secundário em 2111.
- Objetivo 4: A alfabetização de adultos quase não avançou. Em 2011, havia 774 milhões de adultos analfabetos, uma redução de apenas 1% desde 2000. Projeta-se que até 2015 esse número cairá ligeiramente, para 743 milhões. Quase dois terços dos adultos analfabetos são mulheres. As mulheres jovens mais pobres dos países em desenvolvimento podem não alcançar a alfabetização universal até 2072.
- Objetivo 5: Disparidades de gênero ainda existem em muitos países. Embora a paridade de gênero devesse ter sido alcançada em 2005, em 2011, apenas 60% dos países atingiram esse objetivo no nível primário, e 38% no nível secundário.
- Objetivo 6: A baixa qualidade da educação significa que milhões de crianças não estão aprendendo sequer o básico. Cerca de 250 milhões de crianças não estão aprendendo as habilidades básicas, embora metade delas tenha frequentado a escola por pelo menos quatro anos. O custo anual desse problema é de aproximadamente US\$ 129 bilhões. Investir nos professores é fundamental: em cerca de um terço dos países, menos de 75% dos professores da educação primária são capacitados segundo padrões nacionais. Em um terço dos países, o desafio de capacitar os professores já existentes é maior do que contratar e capacitar novos professores.

(Fonte: retirado do site www.efareport.unesco.org)

O Brasil conseguiu atingir as metas de "educação primária universal" e "habilidade de jovens e adultos", mas ainda precisa avançar para melhorar a qualidade do ensino e diminuir os índices de analfabetismo.

Maria Rebeca Otero, coordenadora de educação da Unesco no Brasil, afirma que

O grande nó crítico do país é a qualidade da educação, especialmente em relação ao aprendizado. O aluno está na sala de aula, mas não aprende. É uma exclusão intraescolar: 22% dos alunos saem da escola sem capacidades elementares de leitura e 39% não têm conhecimentos básicos de matemática. De qualquer maneira, não podemos negar os grandes avanços que o Brasil apresentou.

Diante dos dados, nota-se que o Brasil ainda precisa galgar muitos degraus para conseguir um índice de desenvolvimento na educação satisfatório.

Muitos podem se tornar críticos e até se indagar com questões a respeito dos avanços, concluindo que “se a sociedade muda, a escola deveria evoluir com ela”.

Entretanto, acredita-se que a evolução da sociedade, de certo modo, faz com que a escola se adapte para uma vida moderna, mas de maneira defensiva, tardia, sem garantir a elevação do nível da educação.

Logo, não mais pelo bom senso e sim pelo costume, a “culpa” tenderia a cair sobre o profissional docente. Partindo desse princípio, os professores se tornam alvos ou ficam no fogo cruzado de muitas esperanças sociais e políticas em crise nos dias atuais.

Percebe-se que não basta somente dotar os professores de livros e novos materiais pedagógicos como se pensou nos anos 1950 e 1960. A qualidade de ensino está diretamente ligada à qualidade de formação dos professores, podendo envolver muitas outras coisas. O que o professor pensa sobre o ensino, condiciona o que o professor faz quando ensina.

A educação tem uma função cultural e que, segundo Bertrand (1982, p. 42), “é vista como uma forma de mudar a realidade”. Contudo, mudanças profundas só acontecerão quando a formação dos professores deixar de ser um processo de atualização somente, e se converter em um verdadeiro processo de aprendizagem, como um ganho individual e coletivo.

Certamente, os professores não podem ser tomados como autores únicos neste cenário. Pode-se analisar que tal situação também é resultado de pouco engajamento e pressão por parte da população como um todo, que contribui com a lentidão.

Ainda sem citar o corporativismo das instâncias responsáveis pela gestão – não só do sistema de ensino, mas também das unidades escolares – e também os muitos de nossos contemporâneos que pensam que “se todos fossem instruídos, quem varreria as ruas?”, ou que não veem problema “em dispensar a todos das formações de alto nível, quando os empregos disponíveis não as exigem”.

Portanto, precisa-se criar uma conscientização da sociedade, de modo que possam repensar sua forma de encarar o processo educacional, além de assegurar que as metas citadas anteriormente, possam ser cumpridas, objetivando a melhoria do ensino.

2.2. Meios utilizados para despertar o interesse dos estudantes

Somente quem está no comando de uma sala de aula sabe como é difícil despertar e manter o interesse do aluno. Atualmente um dos principais desafios do professor é planejar aulas estimulantes e motivadoras e, nesse sentido, esse desafio poderá proporcionar ao aluno um melhor desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Para isso, os recursos de ensino “são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno”. (Piletti, 2006, p. 151). Acredita-se que para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem sucedido, é preciso que o professor conheça as estratégias de ensino disponíveis de acordo com o perfil de cada grupo de alunos.

Pode-se considerar estratégias de ensino o conjunto de ações que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um objetivo. É o caminho adotado pelo professor, com o intuito de transmitir determinados conhecimentos, verificando como estes foram efetivamente absorvidos pelos alunos (FACCI e Silva, 2005).

Por meio de algumas pesquisas, Marion (1996, p. 27) chega à seguinte conclusão

Não existe uma metodologia boa para qualquer tipo de público. É necessário investigar métodos de ensino para cada tipo de público. Conhecer o público alvo, os diversos métodos de ensino e fazer pesquisas empíricas são atributos inseparáveis do professor.

Diante disto, Richter (2005) destaca algumas das técnicas para serem aplicadas no processo de ensino: aulas expositivas, seminários, dissertação ou resumo, ciclo de palestras, excursões e visitas, estudo de caso... Existem também os recursos eletrônicos, que estão disponíveis em muitas escolas, como: retroprojetores, data-show, slides, filmes, computadores, sistemas automatizados, entre outros.

No Brasil, equipamentos e conservação dos equipamentos e do prédio escolar importam. [...] Em muitos países, recursos escolares não são fatores de eficácia escolar. A razão disto é que o grau de equipamento e conservação das escolas não varia muito de escola para escola. No Brasil, ainda temos bastante visibilidade nos recursos escolares com que contam as escolas. Deve ainda ser enfatizado que a pura e simples existência de recursos faça diferença: faz-se necessário que eles sejam efetivamente usados de modo coerente no âmbito da escola (FRANCO, 2007:53).

Ao unir a pedagogia tradicional com atividades mais próximas da vivência diária dos alunos, o professor provoca maior interesse nos estudantes pela aprendizagem. Entende-se que o professor tem diversas atividades além da aula. São várias turmas, provas, e os conteúdos por eles ministrados precisam ser desenvolvidos e trabalhados, exigindo sempre atenção, solução e crescimento.

Vale destacar alguns meios que vem sendo utilizados pelos professores de diversas escolas, gerando satisfação nos alunos.

São eles:

- Jogos educativos: normalmente são envolventes e podem ser elaborados como uma competição entre times, usando um quis;
- Situações com problemas para os alunos resolverem: as pessoas naturalmente gostam de desafios. Estudos de caso com problemas a serem resolvidos são uma alternativa, principalmente para matérias de ciências e exatas;

- Aula invertida: cada aluno ou grupo fica responsável por apresentar um tema e levar para a sala de aula, funciona. O professor atua como um mentor no processo.
- Redes sociais: sugerir que a turma crie um blog, onde cada um ou cada grupo tenha uma função neste, ligado com conteúdo visto em sala.
- Jornais e revistas: manter os alunos atualizados, conectando notícias diárias com o tema da aula;
- Áudio e imagem: utilizar vídeos, músicas, desperta a atenção dos alunos e trabalha vários sentidos no processo de aprendizagem.

Atualmente a atenção das pessoas é desviada a qualquer momento por outras atividades. Portanto, nossa sociedade atual exige que o professor utilize técnicas que envolva os estudantes e os façam ter prazer em aprender.

2.3. O uso da tecnologia na educação

As tecnologias são meios de comunicação, informação e expressão que podem ser consideradas pelos educadores como mecanismos para esses três meios, inclusive como uma forma de interação entre eles e os alunos.

Perrenoud (2005, p. 59) alerta que

Hoje a multimídia, as redes mundiais, a realidade virtual e mais, corriqueiramente, o conjunto de ferramentas informáticas e telemáticas parecem transformar a nossa vida. Elas afetam as relações sociais e as formas de trabalhar, de se informar, de se formar, de se distrair, de consumir e, mais fundamentalmente ainda, de falar, de entrar em contato, de consultar, de decidir e, talvez, pouco a pouco de pensar.

No final da década de 90, “[...] as discussões giravam em torno de se provar a importância das tecnologias na educação. Hoje isso já é ponto pacífico, elas já fazem parte do nosso cotidiano e não podemos fugir dessa realidade” (PETENUZZO, 2008, p. 13).

As escolas particulares começaram a trabalhar com informática na educação logo que os computadores começaram a se popularizar, substituindo as tradicionais aulas de datilografia pela de informática, e as escolas públicas, mais lentamente, pautada pelas políticas de inclusão digital (PETENUZZO, 2008, p. 13).

Com a globalização, a escola sonhada hoje é a que assegura a todos a informação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma crítica e construtiva.

Esta educação também visa atender às exigências do mundo contemporâneo, implicando integrar os objetivos fundamentais da educação que, segundo Hermann (2001, p. 34) é *a educação voltada para a virtude*, para exigências impostas pela sociedade contemporânea, informatizada e globalizada.

Nos dias de hoje, a maioria da população brasileira possui algum meio tecnológico em sua volta, e o uso destas pode trazer vantagens e desvantagens para o cotidiano e também para a educação.

A apropriação desses meios de comunicação para a construção do conhecimento vem mobilizando os educadores no sentido da seleção e utilização mais adequada dessas novas tecnologias.

Pozo (2008) vem dizer que para o uso adequado da tecnologia na educação é importante a capacitação dos profissionais, para que eles possam instruir os alunos em como usar essas ferramentas para a aprendizagem.

Portanto, para que a aula seja proveitosa, faz-se necessário a formação continuada do professor, para que esteja apto a ser orientador de seus alunos na utilização das ferramentas de forma significativa.

Segundo Bicudo (1999), os processos de comunicação e interatividade são considerados sempre como vantagens no processo educativo assistido pelo computador, ou melhor, que se utilizam deste meio para tal.

Entretanto, alguns alunos podem fazer mal uso, necessitando constantemente de monitoramento para evitar desvio do que é proposto. Nesse cenário, onde a tecnologia vem tomando o seu espaço, o professor precisa ser constantemente estimulado a modificar a sua ação pedagógica.

As escolas de hoje em dia estão equipadas com diversas tecnologias que ficam à disposição do professor para o uso em suas aulas. Pode-se considerar uma vantagem para a aproximação do aluno com o conteúdo a ser lecionado.

Segundo Moran (2009) “tudo o que fizermos para inovar na educação nos tempos de hoje será pouco”. Ele vai nos dizer que quanto mais tecnologias, maior a importância de profissionais competentes, confiáveis, humanos e criativos. Isto se dá pois a tecnologia, por mais avançada que seja, não pode ser trabalhada sozinha no contexto escolar e sim com o auxílio de educadores que estejam aptos a inserir estas ferramentas de um modo produtivo e motivador.

A educação é um processo de profunda interação humana, com múltiplas formas de orientar, motivar, acompanhar, avaliar.

A tecnologia precisa ser pensada de modo a promover a interação social. Neste processo o professor deve estar inserido de forma a adquirir e transmitir conhecimento. O ponto mais importante onde a tecnologia e a relação ensino-aprendizagem se encontram é na escola, e assim possibilita ao educador quase tudo o que precisa, resultando em uma aprendizagem eficaz. Não há aprendizagem significativa se não houver organização e seriedade na implantação das novas tecnologias.

O uso da tecnologia como recurso disponível para atender ao aluno que tem necessidade de aprender é uma das formas de diminuir essa barreira que os alunos encontram ao aprender na sala de aula.

Diante desse avanço de informações, em algum momento há o questionamento sobre o acúmulo de informações obtidas através dos meios de comunicação: este beneficia ou prejudica o indivíduo?

Para responder a este questionamento, vale ressaltar então, de forma mais compreensível alguns dos limites e as possibilidades da inserção da era global na educação.

Limites	Possibilidades
Falta de acompanhamento do professor no uso da ferramenta.	Interação entre professor/aluno.
Desvio da proposta pedagógica.	Fácil acesso a informações.
Muita informação e pouco cuidado em saber a procedência.	Ferramenta para atrair os jovens e adolescentes e aproximá-los de sua

	realidade.
Mau uso da tecnologia.	Produção de conhecimento.

Fonte: Elaboração própria.

É necessário entender que qualquer atividade a ser trabalhada no âmbito escolar precisa ser planejada e pensada no grupo que irá abranger esta medida. Então, as tecnologias, antes de serem inseridas no processo da educação, precisam ser estudadas para que não venham prejudicar o professor, o aluno e principalmente o ensino que precisa ser transmitido.

3. SOBRE A INSTITUIÇÃO DE ENSINO INSTITUTO MARCOS FREITAS

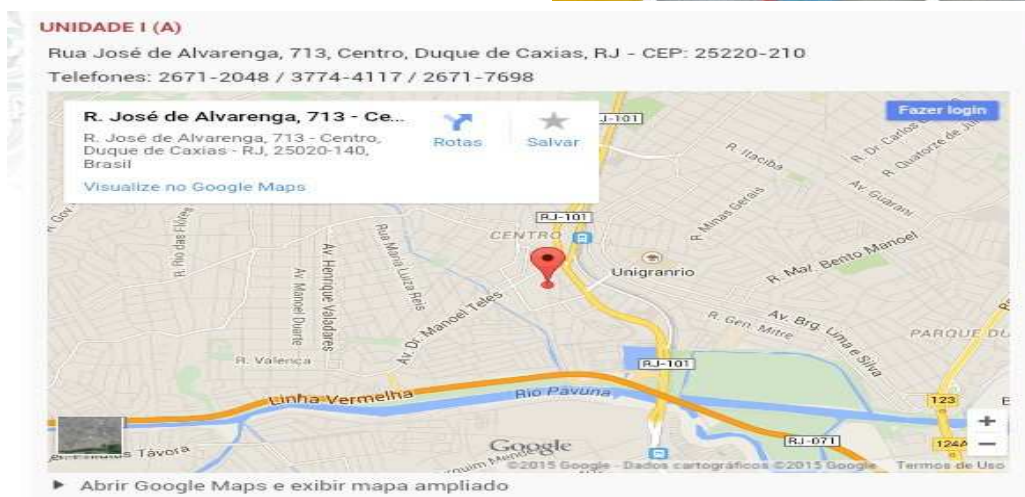
Para embasar as teorias até aqui apresentadas, fez-se necessário a escolha de uma escola para que esta pudesse ser o estudo de caso, mostrando de forma real as possibilidades que o turismo pedagógico possui e como sua implantação adequada pode ser um meio de fomentar o desenvolvimento da educação, principalmente, e de diversas áreas que englobam este contexto.

Existem diversas formas de trabalhar o turismo pedagógico, porém, a que mais se aproxima do que se acredita ser a melhor para a educação, é a que o Instituto Marcos Freitas utiliza. Por esta razão e por já conhecer a escola há 11 anos, decidiu-se trabalhar com a mesma e destacar os pontos positivos, bem como aquilo que ainda pode ser melhorado para aprimorar o uso do turismo pedagógico no âmbito escolar.

A história do Instituto Marcos Freitas começou no ano de 1983, com um sonho e um gesto de amor pela educação e pelo ser humano, pois segundo Walt Disney, “se você pode sonhar, você pode fazer”.

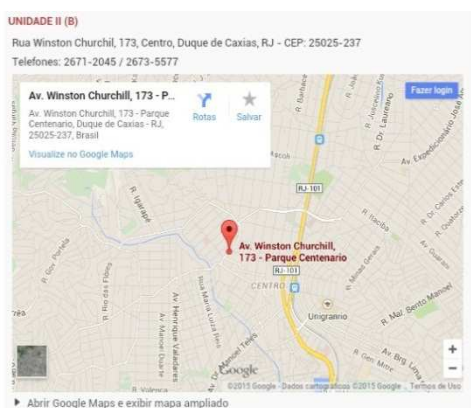
Ao longo destes anos, o IMF desenvolveu projetos e empreendimentos inovadores que o fizeram reconhecido em Duque de Caxias pela capacidade de integrar novas tecnologias de maneira consciente, excelência de ensino e responsabilidade em proporcionar aos alunos um cotidiano de muitas descobertas, produções e infinitas interações.

Seguem abaixo algumas fotos das duas unidades do colégio em Duque de Caxias/RJ, retiradas do próprio site da instituição.



Fonte: Site da escola.

Em 2008, o sonho se expandiu e os principais diretores resolveram iniciar a atividades no bairro do Recreio dos Bandeirantes.



Fonte: Site da escola

Mesmo com pouco tempo, o mesmo empenho e determinação tem atendido às expectativas dos pais e alunos.

Abaixo seguem mais informações sobre a escola em questão, focando nos projetos da unidade de Duque de Caxias, onde o presente trabalho foi desenvolvido.

- A importância do cumprimento de etapas:
Cabe salientar que a educação é um processo extremamente delicado em que a “queima” de uma etapa, aparentemente pouco produtiva, pode comprometer sobremaneira o rendimento do estudante.
Portanto, não convém negligenciar nenhuma das fases previstas para o aluno cursar.
- Missão, visão e valores:
O Instituto Marcos Freitas tem como missão proporcionar aos seus alunos educação de qualidade num processo significativo, cuja aprendizagem em

nível cognitivo, afetivo e social resulte tanto numa formação ética, moral e cultural, quanto no desenvolvimento pleno da cidadania consciente.

Sua visão é ser uma instituição de ensino de referência na cidade do Rio de Janeiro, reconhecida pelo seu projeto pedagógico dinâmico e comprometida com a formação de cidadãos preparados para a vida.

- Seus valores são: Ética, respeito ao ser humano em sua plenitude, excelência, transparência e qualidade.

Dentro da proposta pedagógica, há a inclusão de projetos, feiras, trabalhos de campo e outros meios que promovam a interação do aluno com a escola, professor e o conteúdo programático. Todos estes são adaptados conforme a demanda, ou seja, de acordo com o segmento em questão.

O turismo pedagógico está inserido desde o Ensino Fundamental I, com o objetivo de provocar no aluno a busca pelo conhecimento, tendo experiências reais.

No Ensino Médio há uma inserção maior, pois acredita-se que os jovens possuem um senso crítico e de compreensão em melhor formação, tendo uma maior percepção para um resultado significativo do turismo pedagógico.

A construção do conhecimento não pode se limitar ao espaço escolar. No contexto da sociedade atual, a informação e a interação se apresentavam de forma intensa e veloz em qualquer ambiente.

Dessa forma, é fundamental proporcionar aos jovens experiências a partir da análise da realidade externa à sala de aula. Por esta razão, julga-se necessária a realização de alguns trabalhos de campo que agreguem valor à proposta pedagógica tradicional.

Estes são realizados de acordo com o conteúdo proposto pelo professor, fazendo ponte entre a teoria (vista em sala) e a realidade (apresentada aos alunos em cada trabalho de campo).

Os trabalhos de campo voltados para o Ensino Médio são:

- As três reformas pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passou, bem como os impactos ambientais que elas causaram;
- Visita ao Instituto Oswaldo Cruz;
- A agricultura familiar e o relevo em Teresópolis;
- Estudo da fauna e da flora na Mata Atlântica, no Parque Nacional de Itatiaia e em Penedo;
- Visita à AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras), em Resende.

Outros trabalhos de campo são realizados, até mesmo por outros segmentos como já foi citado, mas no Ensino Médio a proposta do passeio não se encaixa somente ao simples fato de sair da escola, mas como um incentivo para o desenvolvimento constante da educação.

4. OPERACIONALIZAÇÃO DO ROTEIRO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Roteiro “Biogeografia”

O local escolhido pelos professores Edson e Marcelo, respectivamente de geografia e biologia foi a cidade de Teresópolis.

Teresópolis é um município da microrregião serrana, no estado do Rio de Janeiro, onde a Mata Atlântica predomina em sua vegetação.

A Família Imperial Brasileira encantou-se com as belezas naturais e com o clima da região serrana, onde, em frequentes visitas e períodos de férias, descansavam. As origens do município datam, portanto, da primeira metade do século XIX.

A cidade abriga a sede do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, bem como grande parte do Parque Estadual dos Três Picos, o maior parque estadual do Rio de Janeiro. Por suas formações montanhosas a cidade é considerada a capital nacional do montanhismo.

O Dedo de Deus é uma formação montanhosa importante para a cidade, apesar de estar localizado no município de Guapimirim. Tornou-se o principal cartão-postal do município.

Detalhes do roteiro:

- Saída de Duque de Caxias (IMF) às 7h30min
- Número de alunos: 40 (Primeiro ano do Ensino Médio)
- Acompanhantes: Motorista do ônibus, uma coordenadora, dois professores (geografia e biologia)
- Motivo do trabalho de campo: Ampliar o debate da sala de aula acerca da formação do relevo, processos erosivos e o bioma Mata Atlântica.

Paradas e assuntos abordados:

- Primeira parada: Rodovia Rio-Magé: Mostrar a ocupação e as diferenças entre uma zona urbana e uma área rural.
- Segunda parada: Após a pedreira da Rio-Magé (morro meio laranja) – fazemos a subida neste relevo para mostrar os agentes erosivos, o avanço da cidade sobre a vegetação de Mata Atlântica.
- Terceira parada: Parada modelo – lanche.
- Quarta e Quinta parada: Ocorreram na serra, para abordar a formação do relevo, o clima e a vegetação.
- Sexta parada: Vargem Grande, cidade baixa de Teresópolis – Almoço e caminhada nas zonas de produção de hortaliças de pequenos produtores.
- Sétima parada: Vieira, cidade baixa de Teresópolis – Visitamos uma agrovila e a escola técnica agrícola da cidade.
- Fim da atividade e retorno previsto a escola às 18h.

Foram disponibilizadas duas fotos, pelo professor Edson, para representar o trabalho de campo de maneira descontraída.



4.2. Percepção dos professores e equipe pedagógica

- **Professores**

Posteriormente ao trabalho de campo “biogeografia”, realizado pelos professores Edson e Marcelo, conseguimos conversar diretamente com o professor Edson que teve a iniciativa de promover este trabalho com os alunos do primeiro ano do Ensino Médio.

O intuito da conversa foi entender a percepção de alunos e professores sobre todo o processo envolvido na atividade.

Quando perguntado sobre o processo antes-durante-depois do trabalho de campo, o professor Edson ressaltou que antes da execução do mesmo, houve aulas em sala sobre o assunto a ser tratado no roteiro, para que a saída fosse mais atrativa. Ele continua dizendo que sempre que realiza este trabalho com os alunos do primeiro ano, convida o professor Marcelo (biologia), para ampliar o debate e tornar a saída mais proveitosa e com mais conteúdo a ser explorado.

Quanto ao dia do trabalho de campo, os alunos receberam um material sobre os locais visitados, ressaltando a estrutura geomorfológica (relevo, vegetação e clima).

Após a saída, o trabalho em sala continuou de maneira intensa, para que pudessem perceber a sensibilidade que os alunos tiveram acerca do trabalho de campo, notando se foi significativo ou não. O debate prosseguiu de forma descontraída e foi pedido aos alunos um relatório com fotografias feitas pelos próprios alunos e a descrição dos locais visitados.

Por fim, foi perguntado ao professor sua opinião sobre o turismo pedagógico. Ele afirma que

É um método muito bom para ampliar os horizontes dos alunos e dos professores, além de fortalecer o conhecimento e as relações afetivas entre professor-aluno e entre os próprios alunos. Observo que muitos que antes eram quietos em sala, após fazer a saída passam a se sentir parte da turma e os mais tímidos deixam de ser inseguros e passam a ser mais confiantes e interagir mais. Desta forma, é uma excelente alternativa pedagógica.

Portanto, nota-se que o turismo pedagógico quando bem elaborado pode ser uma ferramenta que une e facilita no processo de ensino-aprendizagem.

- **Equipe pedagógica**

A equipe pedagógica do colégio Instituto Marcos Freitas, de Duque de Caxias, é composta por coordenadores e orientadores pedagógicos que trabalham juntos para melhor atender às expectativas dos pais e alunos.

Vale ressaltar a importância de uma equipe coesa em diversos âmbitos, principalmente na execução e planejamento do turismo pedagógico.

Para entender melhor como é o funcionamento e a divisão de funções, bem como o que a equipe pedagógica pensa a respeito da junção do turismo com a pedagogia, intensificando os laços e relações entre ensino-aprendizagem, foi feita uma entrevista informal, com o coordenador e orientador pedagógico Roberto Pereira, que trabalha na instituição há 28 anos.

Este cita os inúmeros meios de interação existentes nas unidades da escola, para incentivar e motivar o aluno. Contudo, percebe uma diferença considerável quando se trata da utilização do turismo pedagógico, através dos trabalhos de campo realizados.

Segundo Roberto, os alunos ficam mais entusiasmados com a ideia de saírem da sala de aula, mesmo que não seja para lugares muito distantes. Só o fato de começarem conhecendo boa parte da cidade onde a escola está situada, já é observada uma mudança de comportamento positiva dos alunos.

Ele continua dizendo que percebe a importância de um planejamento adequado para a execução do turismo pedagógico, senão o objetivo principal acaba sendo colocado em segundo plano, surgindo outros atrativos maiores.

Portanto, cada segmento é estudado de uma maneira específica, para que atenda às necessidades do professor, visando refletir significativamente na turma como um todo.

Deste modo, são elaborados roteiros que devem ser analisados com atenção e cuidado. Roberto ressalta que é necessário que haja uma troca em cada trabalho de campo realizado. Então, o professor precisa estar capacitado para proporcionar este momento de conhecimento externo aos alunos, como os próprios alunos precisam demonstrar interesse quando a proposta é oferecida.

É importante que o professor conheça o local a ser visitado, para fazer a ligação com o conteúdo teórico e a realidade que será vista pelos alunos. Há a necessidade de um estudo amplo, como por exemplo recolher dados básicos sobre o destino (clima, infraestrutura, serviços oferecidos, entre outros).

Por fim, há a contratação de serviços necessários, dependendo do destino (ex: guias de turismo, hospedagem, transporte) para que todo o passeio seja aproveitado da melhor maneira.

Ao final da entrevista foi perguntado se ele percebe a diferença dos meios que antes eram utilizados para motivar os alunos na busca pelo conhecimento, para os atuais, e como ele nota a eficácia do turismo pedagógico mediante os trabalhos realizados pela escola.

Ele afirma que

O turismo veio em uma boa hora para ampliar as possibilidades e diversificar as formas de trabalhar os conteúdos programáticos. Iniciei meu trabalho no IMF quando bem jovem, e era professor. Via que em alguns momentos faltavam recursos para impulsionar os alunos, mas naquela época ainda não existiam os meios tecnológicos para fazer com que eles perdessem um pouco do foco que tinham nas aulas para mexer em seus smartphones, ou para ajudar a disseminar o conhecimento. Depois que me tornei coordenador, passei a ver a evolução das tecnologias e foram surgindo outros recursos eletrônicos para somar com a voz do professor e o plano de aula passou a ser mais elaborado, interagindo com estes meios. Agora, como orientador pedagógico, e vendo como as informações hoje em dia conseguem ser acessadas em segundos, e alguns recursos já não chamam mais a atenção dos alunos, percebo que poderíamos ter utilizado o turismo mais cedo. Não descobrimos algo novo, estamos redescobrimo uma nova forma de abordar a teoria, com aquilo que já existe e que podemos ter acesso. Portanto, acredito muito na eficácia do turismo pedagógico, e vejo este como uma ótima ferramenta de apoio à escola, visando a atender os alunos e sendo refletido no desenvolvimento pessoal, coletivo e educacional.

Portanto, através desta conversa percebe-se que o turismo, quando bem aplicado e trabalhado, pode se tornar um aliado para os educadores desenvolverem seus conteúdos e obterem resultados positivos posteriormente.

4.3. Alunos

É importante lembrar que a eficácia do turismo pedagógico pode ser medida através dos envolvidos neste contexto.

Como já foram analisados os olhares dos principais executores do trabalho de campo, o professor responsável e a equipe pedagógica da escola, torna-se necessário compreender e entender como os alunos percebem e se sentem diante

de todo o processo de desenvolvimento do mesmo. Afinal, eles são o motivo desta atividade.

Para isso, foi elaborado um questionário pela própria autora do presente trabalho, de forma completa mas objetiva, visando a observar a postura de alguns alunos após o trabalho de campo. O questionário foi aplicado para quatro alunos, e os mesmos não quiseram seus nomes identificados, apenas os dados recolhidos como respostas.

As questões abordadas foram:

- Como você recebeu a proposta para fazer o roteiro “biogeografia”?
- Como foi a execução do roteiro? Conseguiu tirar as possíveis dúvidas que tinha?
- Você percebeu a representação real do que viu em sala de aula?
- Ficou mais fácil fazer o trabalho pedido pelos professores após conhecer o local visitado? Por quê?

As respostas foram as seguintes:

Primeiro aluno:

- Foi muito interessante quando o professor Edson comentou sobre o roteiro com a turma. Todos ficamos muito interessados com a proposta e logo de cara estávamos ansiosos para a data da execução chegar.
- Eu achei incrível pois além do professor Edson, o professor Marcelo também foi convidado para participar e essa junção de duas matérias nos fez compreender melhor o conteúdo de cada uma, de forma separada, mesmo estando unidas em um mesmo roteiro. Eu, por exemplo, nunca tinha ido à Teresópolis, então pude conhecer um lugar novo e aprender de forma descontraída com as explicações dadas pelos professores.
- Antes de irmos fazer o trabalho de campo, os professores focaram bastante o que eles queriam demonstrar no roteiro, dentro de sala. Claro que de início ficávamos imaginando como seria na prática, e foi muito melhor poder ver as formações rochosas e analisar todos os fatores geográficos de um lugar. O que antes parecia distante, com o trabalho de campo se tornou muito próximo a nós.

- Penso que se os professores pedissem o trabalho sem termos feito o passeio, teríamos posicionamentos diferentes e não seria tão prazeroso de se fazer. Isto porque iríamos no google ou em algum outro site de pesquisa para recolher fotos e dados, que poderiam não ser tão concretos e reais. Após o passeio cada aluno apresentou as suas descrições do local de forma mais divertida, além das fotos, que fomos nós mesmos que tiramos.

Segundo aluno:

- Como eu vim de outro colégio, que não tinha o costume de realizar passeios vinculados com o conteúdo visto em sala, achei o máximo e a turma também, pela reação dos alunos no momento da proposta feita.
- Eu nunca fui uma aluna muito boa na disciplina de geografia, então, ao mesmo tempo que achei o máximo a ideia de sairmos da escola para conhecer um lugar que tanto ouvimos falar nas aulas, tive um pouco de medo de não conseguir tirar as dúvidas que eu tinha. Mas foi só chegar ao local que eu pude entender as coisas de forma mais clara do que as aulas explicativas.
- Sim. Foi notório. E ao chegarmos a certos pontos, os professores ouviam muitos “Caramba, é igual” ou então “Olha, existe mesmo”.
- Com certeza o trabalho pedido posteriormente ao passeio foi feito por nós de forma mais prazerosa do que se somente tivéssemos contato com a matéria pelos livros e em sala de aula. Depois podemos até trocar umas idéias com os colegas de classe, compartilhar fotos, e as famosas selfies que tiramos e serviram de material para embasar nossos trabalhos.

Terceiro aluno:

- De início eu não gostei. Vim de um colégio onde eles faziam passeios o tempo inteiro, e a qualidade deles não era boa, então acabei achando que aqui seria a mesma coisa. Mas percebi que a turma ficou bem animada com a ideia.
- Para mim foi surpreendente, pois como disse, eu não era adepta a ideia de fazer passeios, por conta da experiência que tive no colégio que havia estudado anteriormente. Mas os professores Edson e Marcelo nos deixaram a vontade, não de maneira relaxada e “esquecidos”, mas para termos uma

relação não de hierarquia, mas sim de amizade com todos, inclusive com eles. Além disso pude perceber que eles realmente sabiam do que estavam falando, a falavam de cada assunto com muita propriedade e entusiasmo. Minha opinião foi mudando em cada parada feita.

- Percebi que o trabalho de campo não foi só para nos tirar da sala de aula sem algum propósito. Pelo contrário, até mesmo dentro do ônibus, em meio a algumas horas de zoações (pois ninguém é de ferro), os professores já começavam a falar um pouco sobre o que iríamos ver nos deixando com mais expectativa.
- O trabalho não tinha número de páginas, nem de fotos. Mas depois que eu percebi que estava amando, já havia tirado inúmeras fotos e feito várias anotações sobre o que havia visto e aprendido. Já em sala, no dia da conversa sobre o roteiro foi muito legal ver que todos, sem exceção, se envolveram e se dedicaram de forma ímpar para fazer e apresentar o melhor para os professores.

Quarto aluno:

- Recebemos da melhor forma possível, pois estávamos ansiosos pelo dia da execução. É muito melhor aprender vendo o que realmente existe; o debate fica mais amplo e os olhares são mais críticos para o assunto em questão.
- Foi muito interessante e todos amamos a forma descontraída mas séria de falarmos sobre as questões que os professores nos apresentaram.
- É muito mais fácil quando podemos ver a realidade e fazer comparações com a parte teórica. Muitos já conheciam o lugar, mas quando fomos, não foi com o objetivo de aprender e sim nos divertir, ter um momento de lazer com nossa família ou amigos, então não conseguimos prestar atenção nos detalhes.
- Foi bem melhor fazer o trabalho após o roteiro. Com as dúvidas tiradas e o nosso olhar mais esclarecido sobre as disciplinas e o conteúdo abordado, podemos fazer um trabalho muito bom, onde os professores elogiaram nossa postura e nossa forma de perceber o que nos foi passado.

Diante dos resultados obtidos através das respostas dos alunos entrevistados, pode-se perceber que mesmo aqueles que antes não estavam totalmente entusiasmados com o roteiro apresentado pelos professores, durante o processo de

execução deste puderam se encantar com a forma que os professores trabalharam os assuntos abordados, e conseguiram além de tirar as possíveis dúvidas existentes, participar e interagir de forma direta no trabalho de campo.

Vale lembrar que o turismo pedagógico, como já temos visto ao longo do presente trabalho, precisa de uma atenção desde o momento em que o roteiro começa a ser pensado por algum professor ou até mesmo passa a ser sugerido pela equipe pedagógica da escola.

Contudo, quando o seu papel principal, que é de transmitir o conhecimento aos alunos, ligando a teoria com a prática não é feito corretamente, o roteiro passa a não ter mais o sentido adequado e nem agrada totalmente aos alunos. Por mais que os jovens gostem de praticar o lazer e às vezes, aparentemente, não gostem da ideia de ir para um lugar somente para aprender sobre algo, eles são muito observadores em tudo que se passa a sua volta.

Por exemplo, um dos alunos que citou em uma de suas respostas que não havia gostado da ideia no início, por já ter tido outros trabalhos de campo em uma outra determinada escola no qual estudou, e as experiências não foram das melhores, pois os professores não conseguiam atingir os seus objetivos com o trabalho, fazendo com que este fosse só mais um motivo de tirá-los da escola, ou de insinuar que estariam fazendo algo para instigar e despertar nos alunos a curiosidade pela busca do conhecimento, quando na verdade não era isso que ocorria.

Portanto, faz-se necessário um estudo aprofundado bem antes do dia do roteiro, de modo que os alunos comecem a ser envolvidos antes mesmo dele acontecer, através da forma com que o conteúdo é passado em sala de aula, para que depois eles possam ter a sensibilidade de reconhecer que tudo o que forem ver, de certa forma já foi trabalhado em sala e o trabalho de campo servirá como complemento do estudo.

4.4. Comparação dos olhares e resultados obtidos

Nota-se a importância de analisar os olhares de todos os envolvidos diretamente e indiretamente no processo de desenvolvimento do turismo pedagógico.

Deste modo, foi observado o comportamento e opinião do professor responsável pela idealização e execução do trabalho de campo, com o intuito de averiguar o motivo do mesmo e perceber se ele estava preparando os alunos para o momento através de aulas explicativas (parte teórica), materiais de apoio e conhecimento do destino.

Também foi analisada a equipe pedagógica como um todo, tendo como locutor principal o coordenador e orientador pedagógico Roberto Pereira, para entender todo o processo antes-durante-depois do trabalho de campo.

Para observar se o turismo pedagógico realmente está atendendo à expectativa dos principais interessados, foram analisados os olhares e discursos de alguns alunos que estiveram presentes no trabalho de campo do roteiro “biogeografia”.

Portanto, com todos esses dados e informações que foram citados ao longo deste capítulo, é possível perceber a importância do turismo pedagógico, bem como a sua eficácia, dependendo da forma em que for executado.

Através do roteiro que foi apresentado, percebe-se que o objetivo principal do turismo pedagógico foi atingido com êxito, de modo que os professores conseguiram passar todo o conteúdo para os alunos, enquanto estes, com o trabalho de campo, puderam ter um contato maior com a realidade, comparando o que foi visto em sala e tendo a percepção de que é viável sair do contexto escolar para conhecer novos lugares, visando principalmente à busca pelo conhecimento.

Contudo, para compreender se o turismo pedagógico realmente é um meio significativo tanto para os alunos quanto para os professores, além dos questionários aplicados durante o processo de desenvolvimento e planejamento do turismo pedagógico, torna-se necessário observar os resultados obtidos ao final do trabalho de campo. Para isso, foi elaborada uma tabela contendo as etapas que foram concluídas no decorrer do roteiro.

Seguem abaixo as informações:

Resultados obtidos
Conteúdo passado de forma dinâmica
Alunos mais motivados e interessados
Senso crítico dos alunos aguçado
Desenvolvimento individual e coletivo dos alunos
Aumento do conhecimento de pontos turísticos e contato com outras culturas
Lazer como objetivo secundário

Fonte: Elaboração própria.

Acredita-se, por meio dos resultados obtidos, que o turismo pedagógico só tem possibilidades positivas para auxiliar os professores em seus conteúdos e fomentar o lado investigativo dos alunos, agregando valor e enriquecendo a sua formação escolar e pessoal.

Por fim, todos os dados apresentados até aqui demonstraram que quando há o planejamento necessário do turismo pedagógico, este pode se tornar um aliado inovador e motivacional dos educadores que tem buscado meios para ampliar o desenvolvimento da educação. Entretanto, percebe-se que não são todas as escolas que possuem a consciência sobre o assunto, de modo a aplicar este método e apresentá-lo aos alunos de forma coerente e responsável. Porém, quando a equipe pedagógica, os professores e todos os envolvidos neste processo entendem, sobretudo, do que se trata o turismo pedagógico e buscam a melhor maneira para executá-lo os resultados na maioria das vezes são muito bons para todos, objetivando sempre a melhoria dos roteiros e aprimoramento para melhor atender o segmento em questão.

CONCLUSÃO

A estreita relação entre a teoria e a prática é uma necessidade apontada pelos professores investigados e, por meio do turismo pedagógico, é possível envolver os conteúdos vislumbrados por suas respectivas disciplinas, como forma de despertar a curiosidade do aluno.

O entendimento do turismo pedagógico como componente de aprendizagem é percebido no corpo discente de forma positiva, acreditando que, além de proporcionar uma melhor fixação dos assuntos ministrados, pode despertar seu interesse aos locais visitados.

Nesse sentido, a utilização de trabalhos de campo como complementação do conhecimento será possível a partir do momento em que existir um planejamento que inclua a participação efetiva da turma ou classe onde a atividade será aplicada.

Não basta o roteiro ser elaborado pelos professores e ser apresentado aos alunos. A apresentação do roteiro tem que aguçar a curiosidade deles, de forma que estejam bem preparados para quando chegarem ao destino não se sentirem perdidos e totalmente desconectados com o assunto.

Por isso, faz-se necessária a utilização de uma metodologia bem organizada antes do roteiro ser realizado, com o uso dos recursos necessários e possíveis dentro da sala de aula, para tornar o processo de desenvolvimento do roteiro interessante e atrativo aos olhos dos alunos.

Neste contexto, acredita-se que os recursos tecnológicos podem ser uma forma de aproximar os alunos da sua realidade antes mesmo que eles tenham o contato com o destino oferecido pelo roteiro. Filmes, sites ou vídeos que demonstrem uma parte do conteúdo que está sendo lecionado podem ser ferramentas que auxiliem os professores em suas aulas teóricas, tornando-as menos monótonas.

Posteriormente ao roteiro, estes meios tecnológicos também podem ser apresentados aos alunos, como foi o caso no roteiro “biogeografia”, onde eles puderam tirar suas próprias fotos e estas foram um dos principais materiais que eles recolheram para apresentar como forma de resultado do trabalho de campo.

Para exemplificar e deixar claro como o turismo pedagógico foi aceito pelos envolvidos, selecionaram-se alguns pontos observados com base em todas as pesquisas e entrevistas feitas.

- Através dos trabalhos de campo existe a possibilidade de obter novos conhecimentos e assim melhorar o aprendizado dos alunos envolvidos;
- Com a união do turismo com a pedagogia, são apresentados diversos pontos turísticos, trabalhando o entendimento da nossa cultura, da preservação do espaço entre outras questões;
- Os alunos saem do âmbito teórico para o prático de forma descontraída;
- Há um incentivo maior no aprendizado do aluno, pois o professor “junta o útil ao agradável” fazendo com que o aluno aprimore seus conhecimentos e tenha um olhar mais amplo sobre o assunto abordado;
- O conteúdo tratado em sala é mostrado *in loco*, ultrapassando os limites de apenas fotos e livros, ajudando a fixar mais o assunto, tornando o momento inesquecível e marcante para os alunos envolvidos;
- Além de estar vinculado ao conteúdo teórico lecionado em sala de aula, o trabalho de campo ajuda o aluno na compreensão do que foi visto, aumentando o seu interesse pois não está apenas ouvindo o professor, mas sim aprendendo por meio de novidades.

Nota-se que o discente vai à escola, normalmente, na busca de conhecimentos inovadores, principalmente no mundo em que vivemos hoje, onde para muitos deles o que hoje é considerado novo, amanhã já não é mais.

Deste modo faz-se necessário repensar em atividades que favoreçam a aprendizagem, onde o aluno propicie uma realidade diferenciada contribuindo para a sua formação como cidadão.

Considerando os pressupostos apresentados ao longo deste trabalho, percebe-se a necessidade de prosseguir na etapa de pesquisa e investigação da

utilização do turismo pedagógico. Tudo isso com o propósito de ampliar a contribuição na inserção do turismo como uma importante ferramenta de apoio à educação escolar.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002a. 24 p.

ALONI, Nimrod Dr. **Educação Humanista. Network for the Advancement of Humanistic Education.**

Ansarah, M.G.R. (2005). Turismo e segmentação de mercado: novos segmentos. In: L.G.G. Trigo, (org.). Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca.

Beni, M.C (2002) Análise estrutural do turismo F. Ed. São Paulo. Senac, SP.

BICUDO, Maria Apareci Viggiani (org); SILVA JUNIOR, Celestino; Alves da (org). **Formação do educador:** dever do Estado, tarefa da Universidade. São Paulo: UNESP, 1999 (Coleção Seminários e debates).

CAMARGO, P. Turismo na Escola. In: OLIVEIRA, S. et al. (2004). "Ensaio de Turismo Contemporâneo". Rio de Janeiro: Papel & Virtual.

DA HORA, Alberto Segundo Spínola; CAVALCANTI, Keila Brandão. *Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar.* In: REJOWSKI, Miriam; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). (2003).

FACCI, Nilton; SILVA, Ângelo Alves da. Proposta de Metodologia de ensino. **Revista Brasileira de Contabilidade.** Brasília, n 155, p. 69-81, setembro/outubro, 2005.

FRANCO, Celso. BONAMINO, Alicia. **A Pesquisa sobre característica de escolas eficazes no Brasil. Breve revisão dos principais achados e alguns problemas em aberto.**

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

IMF, Instituto Marcos Freitas. Disponível em <<http://www.marcosfreitas.com.br>>

MARINHO, Alcyane; DE GÁSPARI, Jossett C. Turismo de aventura e educação: desafios e conquistas de espaços. Turismo: visão e ação. Santa Catarina: Universidade do Vale do Itajaí, v.5, n.1, p.29-38, jan-abr, 2003.

MARION, José Carlos. **Curso de Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORAN, José Manuel. **A integração das tecnologias na educação**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>>.

OMT, Organização Mundial do Turismo, 1998, p.18.

POZO, J.I. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informações em conhecimento**. In: *Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC: Guia do cursista/ Maria Umbelina Caiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral*. – Brasília; Ministério da Educação, Secretaria da Educação à Distância; 2008. Cap. 1, p. 24.

RICHTER, Patrícia Jaqueline de Araújo. Os principais fatores que afetam a qualidade do ensino. 2005.

SILVA, N. C.; DIB, S. F. *Roteiro para normalização de dissertação e teses*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003. 64 p.

TRIGO, L.G.G. (Org.). (2001). "Turismo: como aprender, como ensinar". São Paulo: Senac.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Relatório de Monitoramento Global Educação para Todos 2013/2014*. Disponível em: <<http://www.efareport.unesco.org>>

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Rede Sirius – Rede de Bibliotecas UERJ. A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD): relatório jan./nov. 2011. Rio de Janeiro, 2011. 9 p.*

XAVIER, Maria E.S.P; RIBGIRO, Maria Luisa. S. NORONHA, Olinda M. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.